

## 6

### Considerações finais

Pelo fato de entendermos que a aprendizagem de uma língua está intimamente ligada à aprendizagem da cultura, propusemos, neste estudo, unir os aspectos linguísticos aos aspectos culturais presentes nos pedidos de informação realizados na língua portuguesa falada no Brasil, visando a uma aplicabilidade em aulas de PL2 e/ou PLE. De tal modo, o presente trabalho teve como objetivo descrever as estruturas verbais (tais como alguns tempos verbais, maneiras de introduzir os pedidos e de abordar o interlocutor) e os aspectos não-verbais (tais como os gestos e o toque) presentes nos atos de fala de pedidos de informação no Português do Brasil.

Justificamos a realização deste trabalho em virtude da escassez de material didático destinado ao ensino de PL2 e de PLE e das dificuldades que envolvem o processo de ensino-aprendizagem da cultura subjetiva nos “pedidos de informação”.

Nossa hipótese de investigação baseou-se no que Markus & Kytayama (1994) chamam de interdependência do *self* e na mistura de dois espaços sociais, o da casa e o da rua, de acordo com DaMatta (2004). Acreditamos, que por apresentarmos essas características, tendemos a ser simpáticos, cordiais ou até mesmo invasivos, utilizando um conjunto expressivo de aspectos verbais e não-verbais a fim de alcançar nossos objetivos sócio-interacionais. Para que essa tese fosse confirmada, alcançando também o objetivo de descrever os pedidos de informação, foram analisadas, de modo qualitativo e quantitativo, as respostas coletadas em nosso corpus, composto por estudantes universitários. Esta coleta foi realizada a partir da aplicação de um questionário que simulava contextos em que os mesmos deveriam pedir informações dentro da universidade. O questionário, ainda, visava saber as opiniões e os comportamentos de nossos informantes relacionados aos aspectos não-verbais.

Neste estudo, para mostrar as várias possibilidades de formulação de um pedido de informação em nossa língua, utilizamos uma abordagem interdisciplinar que engloba os aspectos linguísticos e culturais de nossa sociedade. A Pragmática foi a corrente teórica fundamental para a análise de nossos dados. Com base na Teoria dos Atos de Fala e na Sociolinguística Interacional, pudemos descrever as

estruturas presentes nos atos de fala de pedidos de informação, as estratégias de polidez e de mitigação, tais como a indiretividade e os marcadores de polidez cristalizados, assim como os aspectos não-verbais.

Como nosso objetivo não era somente descrever a estrutura verbal dos pedidos de informação, mas também os aspectos culturais neles implícitos, os conceitos da Antropologia Social foram de extrema relevância para que fossem relacionados à forma da língua o seu uso, os seus aspectos verbais aos não-verbais.

Outra corrente teórica importante para este trabalho foi o Interculturalismo, pois, entendemos que nossa língua é caracterizada como sendo um idioma de alto contexto (cf. Hall,1990). Muito do que queremos dizer está além do verbal. Desta forma, vemos porque os aspectos não-verbais devem estar presentes no ensino-aprendizagem de nosso idioma.

Constatamos, então, que os atos de fala de pedidos de informação são configurados através de estruturas que podem apresentar-se por meio dos atos ilocucionários diretivo, expressivo ou declarativo. Notamos, ainda, que o brasileiro, estudante de uma universidade situada na Zona Sul do Rio de Janeiro, apresenta inúmeras formas de pedir uma informação dentro do contexto universitário. Confirmamos, assim, nossa hipótese de que a identidade do brasileiro constrói-se a partir da relação com o outro. O brasileiro, em geral, apresenta um *self* interdependente e, por isso, tende a misturar os espaços da casa e a rua. Por causa dessa interdependência, a cordialidade e a simpatia, em algumas situações, são acompanhadas de gestos que podem ser vistos como um modo invasivo de interagir com o outro. Em um simples ato de pedir informação, tendemos a não ameaçar a face do outro (cf. Goffman, 1959). E assim, querendo preservá-la, utilizamos, na formulação dos pedidos de informação, estratégias discursivas indiretas, formalmente polidas, quando usamos as formas cristalizadas “por favor” e “com licença”, por exemplo, e, muitas vezes, invasivas, quando tocamos o outro, sem que este nos dê prévia permissão.

Apesar de todas essas estratégias, encontramos também pedidos de informações caracterizados como diretos, mas estes são aqueles cujas respostas são mais objetivas, tais como alguns pedidos de indicação de direção, por exemplo.

Verificamos ainda neste estudo, através da análise de cinco obras destinadas aos aprendizes de LP como LE ou L2, que os pedidos de informação apresentados nos materiais didáticos não dão conta dos diversos aspectos verbais e não-verbais importantes para uma boa interação. Assim, objetivando a percepção eficaz de nossa cultura, dos aspectos verbais e não-verbais presentes nos pedidos de informação, propusemos, como atividade didática para as aulas de Português como LE ou L2, a leitura de uma história em quadrinhos (idealizada por nós) contextualizada na universidade, a partir da qual o aluno conhecerá algumas estratégias usadas pelos nativos, podendo confrontá-las com as características de sua língua materna e das línguas maternas de seus colegas de classe.

Gostaríamos que nossos aprendizes tivessem noção dos aspectos tratados neste trabalho para que ameaças às faces, os desconfortos, fossem evitados. Portanto, além de mostrar certos aspectos linguísticos e culturais dos pedidos de informação em contexto universitário no português do Brasil, convidamos o aprendiz a exercitar (ou praticar) o que aprendeu, através da simulação de diálogos com seus colegas.

Muitos estudos ainda precisam ser realizados, mas acreditamos que esta nossa pesquisa possa contribuir na ampliação descritiva do universo que envolve os pedidos de informação. É importante que as gramáticas e os livros didáticos destinados, sobretudo, ao ensino e aprendizagem de PL2 e de PLE descrevam e utilizem de forma eficaz esses aspectos que são de extrema relevância para a aprendizagem de uma língua outra e, conseqüentemente, de sua cultura.

Sugerimos, então, que trabalhos futuros sobre o tema aqui analisado possam abordar outras formas de se construir os pedidos de informação em diferentes contextos interacionais. Ou, ainda, de se descrever amplamente outras formas de pedido no ambiente universitário.